

FERRÉZ

# CAPÃO PECADO

*6ª edição revisada*



*Falta alguém...*  
*Mas ele não virá mais.*  
*As noites em claro*  
*A roda de amigos em volta do Postinho.*  
*Falta alguém...*  
*Para nos alegrar novamente*  
*Cantar aquela música nova, que tinha escrito há pouco.*  
*Falta alguém...*  
*Que vestia a humildade*  
*Mas ele não virá mais.*  
*Sorrindo, querendo ver televisão na nossa casa*  
*Tomando café, atento à tela.*  
  
*Marquinho, meu amigo, queria te dar um livro,*  
*mas, como não posso, o dedico a você.*

*Marcos Roberto de Almeida*

*25/07/1975*

*22/08/1999*

*Este livro é dedicado também a todas as pessoas que não tiveram sequer uma chance real de ter uma vida digna; que não puderam ser cidadãos, pois lhes impediram de ter direitos, mas lhes foram cobrados deveres. Àqueles que foram maltratados física e psicologicamente pela nossa “bem informada polícia brasileira”; àqueles que não foram alfabetizados e, portanto, não poderão ler esta obra; àqueles que, num momento de dor, se deram conta de que estão sozinhos e de que o Estado é bem pago, mas não cumpre suas obrigações. Àqueles que padeceram num leito de hospital por não terem dinheiro suficiente para serem tratados como seres humanos; àqueles que foram baleados e esfaqueados pelos próprios manos de pobreza; àqueles que sucumbiram à vontade de ter algo melhor, pois estavam cansados de viver na monotonia, e resolveram assim ter aquilo que a mídia clicou em suas mentes desde pequenos. Embora minha profissão para essas pessoas não tenha o menor sentido, este livro é também dedicado a elas.*

## AGRADECIMENTOS

Aice e toda a família 1dasul  
Alex Rodrigues dos Santos (Ratão)  
Ana Maria Detthow de Vasconcelos  
Antônio Augusto Lopes Gonçalves  
Cavalera  
Conceito Moral  
Conexão do Morro  
Djalma Campos  
Fernando, Ronaldo e Fábio Ferraz  
Fernando Costa Netto  
Garret 1dasul Área 2  
Gaspar Z'África Brasil  
Ismar Esteves Pereira  
Ivan Finotti  
Kascão t\$g  
Lourenço Mutarelli  
Mano Brown C.L da Z.L  
Maria Luiza Cotta  
Negredo  
Outraversão  
Pai Osni de Xangô  
Rael, Regiana e Raimundo Ferreira da Silva  
Smith-E  
Windsor Ferreira da Silva (Amaral)  
Zumbi dos Palmares

## NOTA A ESTA EDIÇÃO

“SE AQUI NINGUÉM NEM LÊ, como você vai ser escritor?”

Quem diria que, vinte anos depois de escrito, um livro poderia mudar tanta coisa, até a vida de quem o escreveu... Histórias datilografadas de madrugada, e quase sempre sem um café para tomar, serviriam para gerar tantos abraços, conversas, mudanças na vida real.

Dizem por aí que a poesia pode nos levar para vários lugares. Sou prova viva de que um livro pode bem mais que te fazer voar. Ele me propiciou conhecer muitos lugares, entre estados e países, e ir até mais longe: conhecer os corações dos seres humanos.

Um filho com vinte anos que me retribuiria, pois minhas mãos doíam à noite durante a escrita, toda ela feita com caneta e papel para depois datilografar, muitas vezes à luz de velas, já que na favela em que eu morava sempre acabava a luz.

Na moral, nunca pensei que daria frutos, escrevia só para não ser mais um. Mas também nunca pensei na derrota. A gente não pode se dar ao luxo de pensar em fracassar quando mora na quebrada.

A história continuaria a ser escrita, sem se importar se tinha que ser anotada em guardanapos, em maços de cigarro ou muitas vezes na mão — a mesma mão que eu protegia no ônibus para que a tinta não borrasse e minhas ideias não se perdessem.

Quantas vezes minha mãe bateu na porta durante a madrugada e perguntou se eu não ia dormir... Página após página, ia sendo tecida a cobertura que me cobriria com o calor do título de escritor.

Na vizinhança, o apoio era raro. Diziam que o filho do Raimundo estava ficando louco, o dia todo naquele quartinho, que quem estudava demais dava nisso, virava “bicha”, talvez crente, ou, pior ainda para eles, professor.

O cara que não serviu para ser faxineiro de um grande hotel de São Paulo; que durante anos vendeu vassouras nas ruas da Sul; que insistiu em passar no teste para ser garçom, mas não tinha boa “aparência”; que foi recusado em dezenas de empresas, e sempre porque morava “naquele lugar”; aquele que era ajudante de pedreiro, ou que depois foi ajudante geral na rede Bob’s; aquele gordinho ali da rua de cima, barbudo, que falava pra caralho de revolução, de não aceitar coisas que o sistema faz... Esse cara ia ser escritor? Para de tiração...

Em paralelo à escrita do livro, cheguei ao ponto de não ter nada, de começar a andar com outras amizades, de ver alguns amigos de infância entrarem no fluxo do bairro. Eu começava a viver o meu tema e deixar de ser só um observador. E numa tarde fui a um amigo e o preparei para ficar com os originais do que eu tinha escrito, com medo de morrer antes de terminar o livro.

Aos poucos a vida criminal foi chegando, eu estava entrando no clima do bairro. Entre terminar de ler um velho romance do Hesse e descarregar uma carga roubada, entre escrever mais um capítulo e ir com os manos ver uma situação, entre testemunhar os meus próximos se matando sem nem arranhar a superfície do sistema, as palavras foram crescendo, e era nítido quem iria ganhar.

A literatura é egoísta demais para ser dividida com o crime.

Com o livro pronto, hora de começar a correr para mostrar. Mas para quem? Foi em shows de rap que comecei a ler alguns trechos, e também em associações de bairro. Afinal aquele público usava camisetas com frases que pareciam poesia. Uma história que muitos resumiram como “ficção da realidade”. A capa do livro eu trago tatuada no meu braço direito, e as marcas que ele deixou nas pessoas eu trago na lembrança.

Rael marcou muitos momentos, sejam eles nas universidades, onde o livro foi adotado, ou até mesmo nos presídios, onde uma rádio feita por presos recitava trechos do livro toda manhã.

Em todas as quebradas em que colo, não tem um dia que alguém não fale do livro.

Um tempo atrás, num show, um mc me disse que achou que *Capão Pecado* era um disco de rap, e não pensava na época que podia ser um livro, de tão a milhão que ele era comentado nas ruas.

Um livro, talvez um reflexo de uma periferia que cerca toda a cidade. Um povo que serve a comida, que lava os carros, que faz a segurança, que cuida dos filhos dos ricos e que muitas vezes não tem segurança nem alimentação para os próprios filhos, mas que ainda tem esperança, embora cada vez menos sonhos, e menos ainda realizações.

Um livro serve para muitas coisas. No caso do *Capão*, serviu para fortificar amizades, como a dos manos que sempre ficaram lado a lado comigo, no desemprego, nos desenganos e nos desassossegos dessa vida tumultuada como as casas daqui.

Pessoas raras como Cebola, Alex, Ronaldo, Cacá, Marrom, Nandinho, Marquinhos, Panetone, Amaral e todos que rodearam

o Postinho durante anos na favela Santiago.

Até me trouxe novas amizades, como a de um preto do Maranhão chamado Ghóez, que veio me conhecer e virou um grande irmão.

Um livro que, a cada história, tinha a pretensão de querer trazer eternidade para esses mesmos amigos.

*Capão Pecado* me deu até uma esposa, que só conheci porque o Cebola (amigo e personagem) mentiu para mim, dizendo que ela havia lido o livro e adorado, e isso me deu confiança para chegar nela. É, a gente inventa um mundo inteiro, mas treme feio perante uma mulher linda.

Nada disso teria acontecido se não fosse a ajuda de Ana Maria Detthow de Vasconcelos, que acreditou no meu primeiro livro, *Fortaleza da desilusão*, patrocinou o trabalho e me mandou embora da empresa dizendo: “Vai ser escritor”.

A primeira reportagem foi do Fernando Costa Netto, que comandava o *Notícias Populares* (acho que fui o único cara da periferia a sair vivo no jornal). Devo isso ao contato que o rapper Cobra (Conexão do Morro) me deu.

Bom, de lá para cá, muitos contribuíram para o crescimento do livro, em especial os vários nomes da literatura marginal e do rap nacional que somaram nessa caminhada.

Muitos chegaram, muitos já se foram, mas a história continua aí, viva, entrando na vida das pessoas, influenciando-as, e talvez até mudando destinos, assim como fez comigo.

Vinte anos de caminhada, um livro-filho que já atingiu a maioridade, e isso num país que decreta pena de morte a todo periférico ao nascer.



Vinte anos lutando por cada novo leitor, passando de mão em mão, geralmente vindo das mãos dos professores, que insistem em que o ensino seja a cura, que se deslize a caneta para que não se ouça o barulho das balas.

A história de Rael e Paula está nestas páginas, mas antes estava na própria vida, e a cada nova leitura ela se desenrola novamente.

Sempre vai ficar na minha memória a empolgação do Alex (Ratão) quando o livro saiu. E a do Fábio Martins (Cebola), que durante uma semana direto foi comigo até a pequena sala da editora para que eu usasse o computador de lá, e dormia no chão enquanto eu digitava o final do livro. E depois, durante anos, carregou a bolsa com os livros, e tantos bares e eventos em que fomos vender e o tanto de ônibus que passamos por baixo da catraca... A Marisa Moura e manos como Nego Du, comentando página por página, o Jorge (Santista) se preparando para filmar as festas na quebrada, o Marquinhos gritando na minha janela: “Nal, e o livro, já acabou?”.

Sim, irmão! O livro ficou pronto, e vocês estão aqui comigo, em cada linha, em cada vírgula. Ninguém vai apagar mais nossa história.

A nova edição está aí, aniversariando vinte anos de muitas histórias, reflexos de um bairro entre outros milhares, que ainda é onde me sinto o melhor escritor e melhor ser humano, pelo menos da minha aldeia.

As primeiras edições e reimpressões deste livro foram publicadas pela extinta Labortexto. Ele foi distribuído em centenas de escolas e bibliotecas públicas e comunitárias, tendo mais edições e reimpressões pela Objetiva e depois pela editora Planeta, quando

*image  
not  
available*

branco, com os olhos azuis, que ela retira de perto de seu pequeno filho para não arranhá-lo.

Mas algum tempo depois ela é a culpada de os sonhos do menino terem ido por água abaixo, e o álcool completa o círculo de dor tão comum por aqui. A criança chora, o gato foge, ele espanca, ela desanima, e os sonhos acabam mais uma vez.

Qual será o lado real do monitor, o lado certo para se viver? Eles até tentam nos ludibriar, mas a realidade é um pouco diferente, e na tv a gente vê que a vida é muito bacana pra quem tem uma boa porcentagem da riqueza nacional.

As mais belas músicas ou as mais realistas palavras não vão te tirar de uma vida tão cômoda, pois nada mais faz a menor diferença. Todos veem, mas não querem enxergar, que o futuro nos reserva mais dor, e nossa vida é como se estivéssemos sentados olhando pela janela de um avião que está caindo rapidamente. E tudo sempre esteve tão perto e tão longe.

A pobreza aqui é passada de pai para filho, assim como a necessidade de se trabalhar dia e noite para comprar um pão, um saco de arroz, um saco de feijão. Mas é com amor e carinho que criamos nossos filhos, sem nos darmos conta do local, dos amigos incertos e das coisas que injetam aqui — armas e drogas. Assim, continuaremos embriagados, andando no chão frio com os pés descalços, um sorriso na boca ainda seca da corrida contra a lei. Toda uma nação está olhando para uma janela eletrônica; através dela está o passado manipulado, e o que ninguém vê é a porta que fica ao lado, a porta do futuro, que está trancada pela mediocridade dos nossos governantes.

*image  
not  
available*

# PARTE I

— Ó Zé, tem alguém no portão! — exclamou dona Maria.

Zé Pedro correu seguido por seu filho, seu gato Raul, seu cachorro Renato e mais algumas sombras.

O carteiro, com a carta na mão, esperava pacientemente, imaginando mais uma caixinha. Zé não deu, Zé não tinha, pegou rápido a carta e entrou.

— O que que é, véio? — perguntou dona Maria, abalada.

— É da Metalco! — respondeu seu Zé, reconhecendo o símbolo da empresa onde trabalhava.

— Abre, véio, abre.

— Abre, abre, abre! — gritavam mãe e filho em coro com o latido do cachorro. O gato estava atento.

O conteúdo do envelope era um cartão de Natal. Todos pensaram juntos: a firma se importa com o Zé, com certeza ele é muito especial.

Seu Zé colocou o cartão na árvore e foi dormir, acompanhado de toda a família. A cama de solteiro era apertada para os três, mas eles sempre davam um jeito, o problema mesmo era a coberta, que não dava pra cobrir os pés e a cabeça.

Mas Rael era muito curioso, e não conseguia dormir. Algo o incomodava. Levantou-se lentamente, acendeu a luz, foi até a árvore, pegou o cartão e resolveu ler, pois, quando seu pai olhou o cartão, ele só estava fingindo entender o escrito, porque tinha vergonha de ficar dizendo que era analfabeto. Rael leu o cartão:

“Um Feliz Natal e que seja feliz, você e toda a família, é o que nós da metalco desejamos a todos nossos funcionários. Amor & Paz!”

— É, mas quando eu tomo, os nervo chega a pulá; é porque também o café que a Silvinha usa é muito forte. Além disso, ela mete mais de três colheres de pó e o resultado é esse aí, um café saído diretamente do pântano.

— O senhor tá falando que nem o Matcheros, tudo dele é do pântano. E por falar nisso, cadê ele?

— Tá lá em cima, todo embrulhado que nem uma múmia. Foi dormir tarde de novo, e agora sei lá que hora vai levantar.

— É que eu trouxe uns cds pra gente jogar, mas nem vou acordar ele, senão ele fica reclamando o dia todo que os olhos dele tão ardendo.

— Faz o seguinte, Rael, dá um tempo aí, que o Cebola tá chegando da escola já, já.

— Mas, seu Lucas, ele não vai trabalhar hoje, não?

— Não, hoje não, hoje é folga dele.

— O que que o senhor tá assistindo?

— Ah, eu tô vendo esse programa, ele passa umas comida muito louca, sabe?

— Sim, eu sei qual é, esse programa passa todo dia; é duma loira, tem até umas fofocas de uns artistas, não tem? — perguntou Rael com tom de ironia.

— Tem, sim, é um cara barbudo, meio viado, que fica falando da vida dos outros, quando chega a parte dele eu tiro e ponho na Band. Pra que que eu quero saber se tal fulano lançou disco novo, ou se tal sicrano tá comendo as vadias que fica rebolando e dizendo que é artista? Eu tiro do canal mesmo, eu quero que eles todos se fodam!

Os olhos de Rael já estavam lacrimejando. Uma demonstração de cansaço, como era de costume. Retirou seus óculos, esfregou os olhos, mas decidiu não descansar. Levantou-se, colocou os óculos novamente e foi para a vielinha, onde com certeza poderia dar boas risadas e fechar sua noite com chave de ouro.

Na pequena roda em torno do poste estavam Matcherros, Panetone, Amaral, Cebola, Alaor e Amarelos. Rael chegou cumprimentando os manos e já entrou na conversa logo de cara, como era de seu feitio. O assunto que estava rolando era a história de um certo gato que morreu do coração: o pobre gatinho ficava sempre perto do churrasqueiro que trabalhava em frente à padaria Pousadinhas; o churrasqueiro era residente na favela havia alguns anos e era mais conhecido por ser o pai do Alemão.

O gato sempre ficava do seu lado, e qualquer sobra de gordura, nervo ou carne era atirada ao gato, que já contava com uns quilinhos a mais.

O gato já tinha cumprido sua missão naquela noite e estava deitado perto da vielinha que fazia a ligação com a Cohab Adventista. Amaral e Panetone estavam conversando, quando notaram que o gato levantou e ficou encarando o portão do Rogerinho Testa. O gato permaneceu uns cinco minutos encarando o portão, o portão estava todo tomado pela escuridão, o gato sempre observando e, com certeza, curioso com alguns ruídos que saíam daquela escuridão toda. O fato trágico ocorreu quando o infeliz felino decidiu ir mais à frente, e já estava bem perto do portão quando um cachorro preto enorme pôs a cabeça pra fora e soltou um latido alto bem na cara do gato, que só estalou os olhos



numa boa; porém o respeito na quebrada sempre prevalece para aqueles que sabem se impor na humildade, e foi isso que Capachão procurou fazer desde o primeiro dia em que mudou para o Jangadeiro. Ele ia aos bares, pagava cerveja para os malandros mais velhos, doces para seus filhos, jogava taco com as crianças, e não demorou a pegar a consideração de todos por ali.

— E aí, seus trouxas!

O grito era do Alaor, que estava chegando ao Postinho e fazia questão de chegar em grande estilo.

Panetone e Amaral nem responderam, não gostavam muito do estilo de Alaor e sabiam que, se dessem bola, logo ele começaria a cantar, sempre era assim, era só ele chegar que o assunto era totalmente desviado para a música. Cebola foi o que primeiro puxou conversa com ele, e o papo dessa vez não foi sobre música. A conversa aconteceu em torno do assalto que tinha acontecido no Banespa, pois certamente o dinheiro já tinha chegado ao Capão. Cebola tirou as dúvidas da cabeça de Alaor quando disse que o assalto fora realizado pelos amigos de Burgos; Alaor perguntou se Burgos e China estavam envolvidos e Cebola respondeu negativamente, explicando que só não foram por causa das armas: a quadrilha ia bem armada e municada e não admitia os revólveres fracos dos dois.

Panetone falou que ia pra casa tomar um banho e se arrumar, para depois dar uma passada lá no bar do Polícia. Amaral resolveu fazer o mesmo, e em alguns minutos a roda tinha se dissipado.

O bar do Polícia estava lotado, mas o lugar em si não fazia tanto sucesso, o que fazia sucesso mesmo era o terreno muito amplo que

— É que a Maria Bolonhesa me contou muito aflita e com lágrimas nos olhos, fio, que eles se meteram com coisa errada lá pra onde haviam se mudado, e que estavam correndo risco de vida, inclusive que lá em Paraisópolis eles tão com a cabeça valendo dinheiro por dever nas bocas de fumo.

— Mas isso é mentira, mãe! O Will e o Dida não são disso não, eu sei que eles...

— Deixa eu terminar, meu fio, a encrenca toda foi armada porque eles foram se meter com as pedras, e cê sabe que desse tipo de droga ninguém sai vivo.

Rael não esboçou mais nenhuma reação, se retirou para o seu quarto, pegou uma blusa e saiu. Sua mãe tentou alertá-lo, mas ele já não ouvia mais nada, pairavam em seu pensamento somente as imagens dos dois amigos de infância.

Chegou à casa do Panetone alguns minutos depois e bateu palmas freneticamente. O amigo logo saiu e o convidou para entrar. Rael deu a negativa e perguntou dos dois irmãos, e Panetone respondeu que eles tinham acabado de sair. Rael, mesmo com a insistência de Panetone, não contou nada, se retirou e foi para a casa do Matcherros, mesmo sabendo que ele estava dormindo. Falou com Cebola o que estava acontecendo e os dois saíram a procurar Will e Dida.

Quando desciam o São Bento Velho, cruzaram com Burgos, que usava uma blusa imensa, sinal de que estava armado. Burgos deu sinal para pararem e perguntou se tinham visto Will por lá. Rael estranhou e disse que não sabia que ele havia voltado, mas Burgos nem agradeceu, virou as costas e saiu apressadamente. Cebola o avisou que o palco já estava armado e que Burgos nunca saía na

Pai Ixá perguntou pelo horário, Raulio disse que não sabia, mas dona Maria, que tinha ido à venda, sim. Raulio pediu que Pai Ixá a esperasse, ele esperou alguns minutos e logo disse que não podia deixar o centro sozinho por muito tempo. Raulio o acompanhou até a entrada do Valo Velho, e estava voltando pra casa quando foi enquadrado pela Polícia Militar. Pediram seu documento, e, enquanto averiguavam se ele estava armado, conferiram sua documentação pelo rádio. Seu Raulio foi enquadrado; ficou preso por uma semana, esperando a resposta que diria se ele tinha cumprido o tempo certo de sua pena, pois havia a possibilidade de dar fuga. A resposta chegou e ele foi finalmente liberado.

Amanheceu, Rael levantou cedo, se arrumou e foi trabalhar. Logo pela manhã ouviu um monte do seu patrão pela falta do dia anterior. O resto do dia foi tranquilo: entregou os pães nas escolas, serviu os clientes, lavou o freezer onde se guardavam os leites e foi para casa. Chegando lá, estranhou quando viu aquele monte de gente, e parecia que o movimento era em frente à sua casa. Correu, pois sabia que o povo dali só se unia assim pra falar mal dos outros, ou então pra ver morto. Rael corria e preferia que se tratasse do seu primeiro pensamento; mas não foi assim. Dida estava caído em frente à sua casa: de costas, sem o par de tênis e com uma enorme mancha de sangue nas costas. Rael se abaixou, tocou seu rosto e começou a chorar. Sua mãe insistiu para que ele entrasse, estava com medo de que o assassino achasse que Rael, por ser amigo de Dida e Will, poderia servir de testemunha ou então querer vingança. Insistiu, insistiu, mas Rael continuava abaixado chorando. Foi quando Zé Pedro, seu pai, o abraçou por